

ORAÇÃO DO PROFESSOR RAUL PILLA

Professor Houssay:

Ao conceder-vos o título de professor *honoris causa*, recebe-vos hoje esta Universidade por um dos seus, e dos maiores que em seu grêmio poderia abrigar. Passais a ser um dos nossos pela formalidade dêste ato solene, vós que já o éreis pela admiração e pelo respeito que vos tínhamos.

Mas aqui, senhores, hesito, detenho-me e indago: quem honra e quem é honrado? Quem dá e quem recebe? Honrais-vos vós, professor Houssay, recebendo o título, ou nos honramos nós, concedendo-o?

O título e a honra. Não sei se é possível crescer mais honras às que já tendes recebido, não sei se o título que hoje vos confere esta Universidade, modesta entre as modestas, poderá aumentar o peso e o valor dos que já vos foram concedidos por muitas das maiores entidades culturais do orbe. Bastaria, com efeito, percorrer a longa lista dos vossos títulos acadêmicos, para verificar que, a tantas distinções, dificultoso seria acrescentar outras, que verdadeiramente vos distinguíssem, Chegastes aos mais altos cumes do mundo universitário e, diante dêles, como que se deprime a colina onde assentamos a nossa oficina. Quem está cá embaixo, onde nos achamos nós, não pode, por certo, levantar quem já se encontra em tais e tão remontadas altitudes.

Nós somos, pois, os que nos honramos, acolhendo em nosso grêmio o homem valeroso, que se notabilizou sob o tríplice aspecto de investigador, professor e cidadão. O título que cá viestes receber, quem o concede somos nós; mas a honra que a êle se liga, não a recebeis vós, senão nós, que a conferimos, porque sobre nós reverte quase tôda.

Três grandezas juntas. É que vós, Professor Houssay, sois um exemplo, um estímulo, uma lição viva e atuante. Investigadores conscienciosos, temo-los tido, embora escassos, também por estas bandas; professores competentes e honestos, não nos têm faltado; homens de caráter, dedicados ao bem comum, também os contamos entre nós. Mas vós, professor Houssay, sois tudo isto, e em sumo grau. Sois investigador, professor e cidadão; e não só, porque sois grande investigador, grande professor e grande cidadão. Três grandezas juntas, quando uma só bastava a engrandecer uma criatura.

Madrugada o investigador. Senão vejamos. Ainda estudante, já em vós madrugava o pesquisador, o cientista. Não vos preocupava apenas conhecer, e conhecer bem, o já sabido: querieis ir além, querieis penetrar afoutamente na imensa, indefinida e infinita zona do ignoto.

Assim, havia um pequeno órgão misterioso, profundamente alojado na base do crânio, cujas complexas funções mal se começavam a vislumbrar. Pois bem, decidistes, ainda no terceiro ano do curso médico, fazer dêste mistério, além de outros, a matéria da vossa indagação. Havia de estreitar-se o cientista por onde outros poderiam talvez nutrir a esperança de coroar a sua carreira. Assentastes que a glândula pituitária haveria de descerrar o seu mistério. E o que para o comum, para a quase totalidade dos estudantes não passaria de simples veleidade de moço, logo absorvida por outras preocupações ou distrações, constituiu para vós, professor Houssay, o objeto constante de vinte e seis anos de vossa vida.

No campo da endocrinologia. Quem, como Hércules, ainda no berço, estrangulava com mãos viris a serpe da ignorância, não poderia ter demarcado o campo das suas façanhas. Da hipófise, cujas correlações com as demais glândulas são tão numerosas e complexas, era natural que a estas estendêsseis as vossas indagações. O campo da endocrinologia foi o vosso campo. Sois atualmente considerado a maior autoridade na fisiologia da hipófise; mas êstes louros, tão cedo colhidos, não foram pretexto para que sobre êles adormecêsseis. O conhecimento das glândulas suprarrenais vos deve contribuições fundamentais. Com o vosso discípulo Lewis, demonstrastes, mediante uma experiência clássica pelo rigor e pela elegância, que a parte cortical, e não a parte medular geradora de adrenalina, tinha importância vital. Demonstrastes a existência de um complexo mecanismo nervoso regulador da secreção adrenalínica, o que tinha grande significação, pois repunha o sistema nervoso no seu antigo papel de coordenador da vida orgânica, de que em parte o desapossara o excessivo entusiasmo das descobertas endocrínicas.

De Bernard A. Houssay Constitui o metabolismo dos hidratos de carbono um dos mais fascinantes capítulos da Fisiologia. Abriu-o um dos maiores fisiólogos de todos os tempos: Cláudio Bernard. Aqui são também

inestimáveis e decisivas as vossas contribuições. Diabetes e insulina, mecanismo secretório da insulina, influência de outras glândulas, como a hipófise, a suprarrenal, a tireóide, tudo investigastes e elucidastes com proficiência. O fisiólogo francês teve, na República Argentina, um digno continuador da sua obra.

A fisiologia da tireóide, da paratireóide, das glândulas sexuais também vos devem notáveis contribuições.

Tendes já aqui, senhores, com que encher uma vida de labor científico. Os trabalhos de Houssay no vasto campo das secreções internas bastariam a assegurar o renome, não de um, mas de vários pesquisadores. Enganais-vos, porém, se com isto pensais se tenha contentado a atividade do nosso professor. O sangue, a circulação, a respiração, a alimentação, a nutrição, a excreção, quase todos, se não todos os capítulos da ciência fisiológica suscitaram a atenção do grande investigador e de seus colaboradores.

Um julgamento lapidar. O que é Houssay, o que vale e o que representa no mundo científico, poderei exprimi-lo em duas palavras, repetindo o que dêle disse um outro grande fisiólogo, o prof. Carlson, de Chicago: "Houssay pôs a Argentina no mapa mundial da Fisiologia."

Atentai, senhores, nesta frase, que diz tudo. Como nos antigos mapas do mundo, havia e há regiões em claro, regiões não reveladas e não conhecidas, no que Carlson chama o mapa mundial da Fisiologia. Apareceu Houssay e êle, só, pode traçar, neste mapa, um lugar para o seu País, ao lado das nações que, com os seus grandes sábios, edificaram a ciência fisiológica. Onde nada se via, senão um espaço em branco, temos agora um nome, uma nação, uma escola científica. Tanto pode um grande espírito, quando o inspira um alevantado ideal.

Se os grandes navegadores, se os grandes exploradores do passado merecem a nossa admiração e o nosso reconhecimento, que não diremos dêste corajoso pesquisador que, no campo da ciência, revelou a sua pátria a si mesma e ao mundo?

No supremo tribunal da ciência. Se vos não bastara, senhores, êste julgamento de Carlson, se vos não satisfizera a apreciação dos demais fisiólogos a consagrar êste fisiólogo, poderia eu trazer-vos a sentença de um tribunal universal, universalmente reconhecido e acatado. Não sei se haverá, no mundo da cultura, julgamento tão rigoroso e autorizado,

do que o do prêmio Nobel. Pois bem, senhores, Bernardo Houssay foi agraciado, o ano passado, com o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia. Se, no dizer de Carlson, Houssay revelou a Argentina no mundo da ciência fisiológica, universalmente reconhecida e consagrada se acha agora a revelação.

Vocação irresistível. De causar pasmo é esta carreira tão rápida e fecunda de pesquisador. Houssay amanheceu, onde poucos chegam ao pino do meio-dia. E isto num ambiente pouco favorável à ciência pura, onde quase tudo estava por fazer. É que êle tinha uma vocação, soube reconhecê-la precocemente e sempre se lhe manteve fiel. Produto exclusivo do próprio esforço, começou por estudar farmácia, para doutorar-se depois em medicina, com os recursos que a sua atividade de farmacêutico lhe facultava. E não terminara ainda o curso médico, quando era nomeado professor de Fisiologia da Faculdade de Agronomia e Veterinária de Buenos-Aires. É que aos mestres já se revelara o sábio e o professor que era.

Uma personalidade completa. Cá debaixo e à distância, como se observam os remígios da águia, vimos o pesquisador, o edificador da ciência. Mas esta não basta fazê-la, preciso é também propagá-la, ensiná-la, para que se não apague a lâmpada sagrada, que há-de transmitir, cada vez mais luminosa, de geração em geração. Tão indispensável é o professor, quanto o investigador. Sem o professor, o investigador restringe-se, limita-se, acanha-se: é quase a lâmpada debaixo do alqueire, que dá luz, mas pouco alumia. Inversamente, o professor sem o investigador, pouco teria que ensinar e reduzir-se-ia a simples repetidor de fórmulas consagradas. Pesquisar e ensinar, construir a ciência e difundí-la são, pois, duas atividades que se completam, mas raramente se reúnem harmonicamente no mesmo indivíduo. É que, senhores, cada uma delas exige qualidades diferentes, senão até certo ponto contraditórias. Uma é essencialmente a análise, a outra é principalmente a síntese; uma tem por objeto a natureza, cujos mistérios desvenda, tem a outra por finalidade o homem, cujas faculdades desenvolve; uma é obra pessoal ou, quando muito, de grupo, a outra é tarefa em que o próprio trabalho pessoal do investigador se dissimula e desaparece no imponente monumento arquitetônico da ciência, que se apresenta. Comum é, por isto, encontrar um grande pesquisador na pessoa de um medíocre professor;

ou um grande professor, em quem nunca foi capaz de verdadeira investigação, ou nunca a pôde tentar. Raro, sim, raríssimo é encontrar harmônicamente consociadas estas duas faces da atividade científica.

Vós, porém, professor Houssay, constituís uma destas exceções felizes, sois uma destas personalidades harmônicas e completas. Se, como investigador, nos surgis como um dos maiores fisiólogos da atualidade, como professor avultais entre os maiores do ensino universitário. Longe de contradizer-se, corroboraram-se e mutuamente se desenvolveram as duas atividades, porque suficientemente robusto e amplo era o vosso espírito, para acolhê-las ambas. E eu já não sei dizer o que será maior em vós, se o investigador, se o professor.

O grande professor. Porque vós tendes sido, na cátedra, ou fora dela, essencialmente um professor: professor, ensinando, e professor, investigando; professor, na aula, e professor, fora dela; professor entrando na Universidade, e ainda maior professor dela saindo; em suma, professor e sempre professor.

Tendes, em verdade, todos os raros prediados que fazem o grande e verdadeiro professor. Sois dos que sabem e sentem que, ainda nos cursos superiores, ensinar é educar. Sois dos que ensinam, não só pela palavra, senão também pelo exemplo. E, porque sois verdadeiro professor, não cortejais a fácil popularidade, tão do agrado dos professôres brilhantes, mas vazios; não procurais a indulgência dos alunos, com que os professôres ineptos ou desidiosos pretendem descontar as próprias faltas; buscais, somente, o reconhecimento que pode tardar, mas nunca falta aos professôres dignos dêste nome. A vossa capacidade docente, professor Houssay, podemos aferi-la à distância os que não tivemos a ventura de ouvir-vos as lições, lendo o vosso Tratado de Fisiologia, que, publicado há poucos anos, já se pode considerar obra clássica. Ali temos compendiada, de maneira clara e sempre em dia, com a síntese que não exclui a profundidade, esta nossa maravilhosa ciência fisiológica que tanto poder tem para nos elevar o espírito, do estudo da criatura à consideração do Criador. Em vosso livro temos apenas uma face da vossa complexa personalidade de professor, mas por esta faceta dificultoso não seria reconstituir o cristal, se outros elementos faltassem.

A Escola Houssay. A demonstração cabal da estatura do professor, temo-la, porém, na escola que fundastes e representa, hoje, um

dos padrões de glória da cultura argentina. Grandes e geniais pesquisadores tem havido, que podem ter deixado doutrina, mas não deixaram escola. Investigadores solitários, terão tido auxiliares, mas não verdadeiros colaboradores. Por que? Por lhes faltar a vocação do magistério. Por não saberem educar, não puderam deixar prole no terreno da ciência.

Vós, não, professor Houssay. Vós ensinai sempre, vós educais sempre. E, por isto, não me arreceio de afirmar que, se grande, desmesuradamente grande é o investigador, tão grande que já não há quase distinção que lhe não tenha sido conferida, maior ainda me parece o Professor.

O que é ser professor. Será possível isto? Transmitir conhecimentos não será muito mais fácil que criá-los? Sim, senhores. É exato. Mas — redargüireis então — se uma tarefa vale tanto mais que a outra e nela se avantajou tanto o nosso recipientário, como poderá ser, nêle, maior professor, que o investigador? Não estaremos invertendo a escala dos valores?

Explico-me, senhores. Fazer ciência é uma cousa; transmiti-la outra é; e ser professor pode ser uma e outra cousa, pode ser fazer ciência e transmiti-la mas é mais, muito mais para os verdadeiros professôres.

Quereis conhecer a diferença? Pois bem: quem vo-la vai apontar, quem vo-la vai ensinar, quem vo-la vai demonstrar é o próprio professor Houssay, aqui presente.

Travada ia já, havia alguns anos, a tremenda guerra mundial, agora terminada, mas não verdadeiramente extinta. Era a guerra entre a democracia e a ditadura, entre a liberdade e a servidão, entre a civilização e a barbárie. A lepra totalitária contaminara também o livre continente americano, mas longe das nossas praias estava a guerra que visava combatê-lo. Nada impedia que o pesquisador Houssay continuasse a fazer as suas experiências, nada tolhia que o professor Houssay fôsse apenas um investigador e um prelector.

Não o perturbaria no seu recanto o regime recém-instaurado em seu País, se a isto se limitasse, se nada mais fizesse que perquirir o organismo humano e repetir as suas lições. A autocracia tolera a ciência, enquanto ela não sai dos seus laboratórios e dos seus gabinetes e se abstém de trazer aos homens a sua mensagem de libertação. Mas Houssay, senhores, era mais que investigador e prelector: era um professor, isto é, plasmador de

consciências, forjador de caracteres, educador de cidadãos, em suma formador de homens. E porque assim era, porque era um professor na acepção integral do termo, porque se sentia com deveres para com os seus alunos, os seus concidadãos e todos os seus semelhantes, praticou uma temeridade, como se fôra a mais natural cousa dêste mundo. Assinou, com outros intelectuais argentinos, um manifesto em que se exprimiam anseios por uma democracia efetiva, ausente no seu e também, na época, em nosso País, e se faziam votos pela integridade da solidariedade americana, comprometida pelas indisfarçáveis simpatias do Governo, às nações fascistas. Começou aí uma odisséia, que não parece haver terminado.

Benditas violências. Benditas violências dos governos que tais revelações nos fazem! Era grande Houssay na sua cátedra e grande era no seu laboratório, mas a perseguição que lhe moveram agigantou-o. Revelou-se-nos então o professor em tôda a sua plenitude. Tudo isto supõe o professor. Indispensável é o saber a quem ensina; mas se ensinar verdadeiramente é educar, não basta o saber. Preciso é tenha a ciência, por suporte, o homem e o cidadão: o cidadão, amante da sua pátria; o homem, consciente dos seus deveres para com a humanidade

A última lição. Dizia eu, senhores, que Houssay fôra expulso da sua cátedra, por haver sabido ser professor, acima de tudo. Coube-lhe dar, então, a última lição a seus alunos. Quem poderá exprimir a melancolia da última lição, a lição de despedida? É uma como morte, por ser a separação de quase tudo quanto constituiu a própria trama de uma existência.

Melancólica, porém, não foi esta que os senhores do dia supunham seria a última lição. Melancólica não foi, senão heróica. Não era a lição do que se retira para continuar combatendo. Compellido pela violência, Houssay deixava a cátedra, mas não deixava o ensino.

Pelo contrário, naquele momento é que o professor, até então curvado sôbre a mesa de trabalho, se erguia em tôda a sua estatura de gigante. Naquele dia escrevi eu então — dava Houssay a maior e a melhor das suas lições, a lição que poucos professores têm tido a fortuna de proferir, e poucos teriam a capacidade de dar.

Vencedor, e não vencido. Que Houssay, sendo obrigado a retirar-se, não fôra vencido, veio a reconhecê-lo e proclamá-lo o próprio poder que o prescrevera. Pouco mais de ano

decorrera do seu afastamento, quando o governo sentiu a necessidade de o reintegrar. Percebera êle que não se anula um homem daquele porte, como se despede um laiaio, que só dos favores oficiais vive e pode viver. Um servo, por mais agalado, despede-se e substitui-se facilmente; mas o vácuo deixado por Houssay era incômodo, fazia mal e não se podia preencher. Daí o decreto de 10 de fevereiro de 1945, que, tornando sem efeito o decreto de 28 de outubro de 1943, permitia o regresso dos professores às suas cátedras.

Reparação e não perdão. Não o aceitou porém, Houssay. Não o aceitou, apesar de instado pelo interventor da Universidade de Buenos Aires. Não o aceitou, por não ser uma reparação a que oferecia o Governo, senão somente um ato de clemência. A reparação implicava o reconhecimento do erro praticado e todo o possível ressarcimento das conseqüências. Isto não era o que se propunha. O rebelde, o criminoso voltava perdoado, simplesmente perdoado. Para que houvesse reparação, e não perdão, seria necessário, como sinal tangível dela, que o professor, ilegal e violentamente afastado do cargo, fosse indenizado dos vencimentos que perdera.

Um documento de dignidade. Recusou, pois, Houssay a reintegração. Di-lo e justificou-o êle mesmo, na altiva resposta dada ao interventor da Universidade. “Minha aceitação, em tais condições, implicaria admitir que, ao exprimir os meus anelos de democracia efetiva e solidariedade americana, tenha eu cometido falta ou delito suscetível de sanção, e importaria também reconhecer que um professor universitário pode ser dispensado por exercer os direitos de cidadão consagrados pela Constituição ao exprimir livremente as suas opiniões, na convicção de estar cumprindo o seu dever para com a Pátria.

“Se o governo entende guardar acatamento devido à Universidade e a seus professores, é necessário que tal resulte, de forma clara e cabal, de uma decisão expressa do mesmo Governo.

“(O respeito da autonomia universitária, que se deseja ver restabelecido, e a alta dignidade do cargo de Professor impedem-me volte à cátedra, enquanto não haja reparação completa da sanção que me foi imposta.”

Assim falava, senhores, o professor: contrariando os seus interesses pessoais, condenando-o a continuar suas pesquisas em condições de modéstia extrema, mas preservando, acima de tudo, a dignidade do magistério.

Maior o professor, que o investigador. Por isto disse eu ser, aqui, o professor maior que o investigador. Poderia o investigador contentar-se com que o deixassem investigar; e o simples prelector também se poderia contentar com que o deixassem fazer as suas preleções. Mas o professor, êsse, não. Para ser, ou poder continuar a ser professor, haveria de preservar, acima de tudo, a dignidade da sua missão. Como criminoso indultado é que não poderia apresentar-se a seus alunos e sentar-se na cátedra.

Que êste, e não outro, era o intuito que movia Houssay na sua soberba resistência ao aliciamento do poder, demonstram-no todos os seus atos. Só volveria à cátedra mediante reparação completa. Por que? Por cobiça? Cobiça em quem desprezara os ricos proventos da clínica, que certamente seria afamada, para se dedicar exclusivamente à pesquisa e ao magistério, que podem dar renome, celebridade, mas não satisfazem as mais modestas ambições materiais?

Não, senhores, o que Houssay queria era simplesmente a reparação da sua dignidade ofendida. Os vencimentos atrasados que exigia, em sinal inequívoco da sua reparação, não os fruiria êle, porque os destinava a finalidades altruísticas, se os recebesse.

O mestre e os discípulos. Nesta luta, ao parecer desigual, entre um homem e o Estado, o Estado que alguns pensadores consideram um monstro, e num monstro certamente se torna quando se desvia de suas legítimas finalidades, nesta luta ao parecer desigual, teve Houssay inestimáveis auxílios.

Teve, primeiramente, a solidariedade total e completa dos seus colaboradores. Não lhes faltariam a êles pretextos, senão motivos para continuar. Se o Mestre sáisse, não convinha ao interêsse geral do ensino que o substituissem os discípulos? Grande falta faria êle; mas ainda maior falta, e totalmente irreparável, se o acompanhassem os homens que êle formara.

Como vêdes, senhores, motivos não faltariam para que se êles deixassem ficar. Mas assim não procederam. Acompanharam o Mestre na má fortuna, como o haviam acompanhado na boa. E não sei eu qual o maior mérito: se de quem fez o sacrifício, acompanhando; se de quem recebeu o sacrifício, acompanhando-se. Mas, não. Vejo-o agora. O maior mérito, é, por certo, o do Mestre que tais discípulos soube fazer. Perdoem-me êles, não os quero depreciar; mas êles mesmos são

os primeiros a convir nisto, êles são os que, mais que todos, se honram de tal Mestre.

Uma ordem de cavaleiros. Em verdade, professor Houssay, vós fizestes uma escola. É que escola! Porque a escola que vós instituístes não é apenas uma técnica, um método, um corpo de doutrinas. É tudo isto e muito mais que isto. É uma irmandade, uma confraria, uma ordem de cavaleiros da ciência, reunidos pelo mesmo ideal.

Por isto, varreu-vos da cátedra a tormenta, prof. Houssay, mas não pôde dispersar-vos os discípulos. Acompanharam-vos sem hesitação, nesse destêrro dentro da própria pátria. Se muito de louvar são tais discípulos, muito e muito de louvar é tal mestre.

A solidariedade da ciência. Tivestes, pois, naquele transe, o conforto, insubstituível para um Mestre, da solidariedade dos vossos discípulos. Mas esta solidariedade tinha um espinho, que vos pungia acerbamente: arrastáveis na vossa proscrição, e condenáveis à mesma pena, fiéis e dedicados amigos. Foi quando vos socorreu o auxílio estranho. Estranho, sòmente, por vir de fora, e não da vossa Universidade e muito longe de estranho, por provir da grande, da imensa pátria comum, que é a ciência. E assim foi que criastes o Instituto de Biologia Médica e Experimental, onde, com mais modestos meios, mas não menos eficientemente que no Instituto de Fisiologia da Universidade, pudestes prosseguir pesquisando, juntamente com os vossos dedicados colaboradores.

Regresso transitório. Mas, se, na ocasião já referida, recusastes voltar à cátedra, de Fisiologia e à direção do respectivo Instituto, permitiu-vos, depois, o reingresso a cessação da intervenção na Universidade e a anulação, pelo novo Reitor, dos seus atos. Retomastes a vossa função didática na amada Universidade, onde havíeis passado sem transição, de aluno ao professor. Enganava-se, porém, o Poder, imaginando que, ao readmitir-vos, vos poderia abrandar a têmpera. O professor cumpria religiosamente os deveres do cargo na Universidade; mas fora dela o cidadão também não descurava os seus. E isto não agradava, não poderia agradar, sabíeis que não agradaria, professor Houssay. Mas também sabíeis que, demitindo-vos de cidadão, vos estaríeis também demitido da dignidade de professor. Não tardou a represália dos poderosos de um dia, sim, de um dia, por mais longo que possa parecer êste dia. Não convindo reincidir no escândalo da vossa demissão sumária resolve-

ram baixar a um limite risível a idade para a aposentadoria dos professores. Passariam a ser postos em repouso e seriam afastados da atividade docente como homens esgotados e inúteis, justamente na época da sua plena maturidade e quando mais fecunda seria a sua experiência.

Que importava que assim se prejudicasse mais uma vez o ensino e se fôsem colhêr no castigo professores que nada tinham com a questão? O essencial era afastar-vos para que não pudésseis contagiar a mocidade... E assim vos aposentaram aos 59 anos e vos agraciaram com uma aposentadoria excepcional: aposentadoria sem vencimentos. Assim perdem o sentido as palavras, nos regímenes de arbítrio.

A grandeza do cidadão. Como investigador e professor, professor Houssay, vimos já a que altitude chegastes. Mas não séreis o grande professor que tendes sido, se não fôreis o grande cidadão que sois. Implícito se acha, no conceito de professor, o atributo de cidadão. Foi o cidadão que havia no professor e, latente ou já manifesto, não poderia deixar de haver nêle, quem tão alto o elevou, assinando o cérebro manifesto em que, a uma ditadura, se pedia democracia efetiva e, a um exacerbado nacionalismo, se requeria solidariedade americana. Tão grande era, pois, o cidadão, quanto o professor. Digo mais: grande era o professor, porque grande era também o cidadão. A grandeza de um não poderia assentar, senão na grandeza do outro. Pela mesma escala se haviam de medir ambos.

Se bem já nos tenha o professor revelado o cidadão, convirá determo-nos alguns momentos na consideração da sua grandeza. Há muitos e excelentes cidadãos, mas os há de vários tamanhos. Há os que não vão além da sua aldeia e nada vêem fora dela. São todos extremos por ela, mas pouco fazem além das suas lindes. Há os que abrangem com os seus desvelos um país inteiro. E há finalmente os que, plenamente, conscientes da unidade da espécie humana e da crescente solidariedade dos povos, abrigam a humanidade tôda em seu coração.

São êstes os grandes espíritos, entre os quais se contam sábios e filósofos, políticos e filantropos, que com razão se denominam cidadãos do mundo.

O cidadão Houssay. Pois bem, professor Houssay, vós sois um grande cidadão argentino: muito fizestes pelo bem-estar, pela gran-

deza, pelo prestígio da vossa pátria. Sendo filósofo e, nada mais querendo ser que filósofo, e tendo, por isto, renunciado aos proventos que outras ocupações mais rendosas poderiam dar-vos, não vos encerrastes, todavia, no vosso laboratório, surdo e cego às necessidades coletivas. Com fazer e ensinar Fisiologia, como fazíeis e ensináveis, teria qualquer outro com que encher uma grande vida; vós, não. Nunca recusastes o vosso concurso à satisfação das necessidades coletivas, que dando à clínica, a colaboração da técnica e dos conhecimentos fisiológicos, quer prestando aos higienistas e às autoridades sanitárias a vossa ajuda desinteressada. Fazíeis ciência pura — que é a mais alta expressão da ciência — mas não vos contentáveis com o alto prazer estético que ela prodiga, porque desejáveis torná-la útil aos vossos compatriotas. Grande cidadão éreis, pois, no remanso do laboratório e no amável convívio da cátedra, investigando, ensinando e aplicando; mas grande e excepcional do vosso País vos revelastes, quando, arriscando-vos, como vos arriscastes, para êle reclamáveis efetiva democracia.

Ser grande cidadão da grande nação argentina já muito seria, se não fôsseis, também, mais do que isto, um cidadão do mundo. Sim, cidadão do mundo, não só porque muito fizestes pela ciência, que é universal e não conhece fronteiras, senão também porque sois daqueles privilegiados espíritos que almejam ver apagados, na superfície da terra, os ódios, as dissensões, as discriminações, que a maldade e a estupidez, de mãos dadas, pretendem perpetuar.

A significação da cerimônia. Agora sei, senhores, agora compreendo que, se pouco, mui pouco podemos acrescentar à glória do sábio com o título que hoje conferimos, em compensação, muito podemos dar ao cidadão, ao grande cidadão perseguido: o testemunho e o conforto da nossa fraternidade. Recebei-os, professor Houssay, como o melhor que, de nós, vos podemos dar.

Aqui estais entre amigos, entre companheiros, entre irmãos, que sentem convosco as mesmas dores e convosco rejubilam com as mesmas alegrias.

Recebei, pois, o título de professor da nossa Universidade, não tanto como uma honra, que cumulada pareceis ter a medida das honras acadêmicas, senão simplesmente como o único tributo que podemos dar ao sábio, ao professor e ao cidadão insigne.